

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: FERNANDO MACEDO RODRIGUES

TÍTULO: A APRENDIZAGEM ENTRE PARES NA OFICINA DE MÚSICA DO PROJETO PIBID/UEMG

AUTORES: FERNANDO MACEDO RODRIGUES, FERNANDO MACEDO RODRIGUES

PALAVRA CHAVE: APRENDIZAGEM ENTRE PARES; APRENDIZAGEM NÃO FORMAL; PRÁTICAS INFORMAIS; PIBID

RESUMO

Este texto é um recorte da pesquisa de Doutorado do autor, na qual discutiu-se os processos de aprendizagem não-formal e as práticas informais de aprendizagem musical na oficina de música do projeto PIBID/UEMG, em uma escola pública de ensino médio de Belo Horizonte. Foi investigada a aplicabilidade e adaptação destas abordagens em um contexto escolar brasileiro e a possibilidade destas serem utilizadas como instrumentos de estímulo aos processos de prática, ensino e aprendizagem musical. Utilizando a metodologia da pesquisa qualitativa e coleta de dados a partir de observações, questionários, entrevistas, além de vídeos gravados durante as atividades, foi possível levantar as opiniões e concepções dos participantes, que eram cinco bolsistas do projeto e vinte alunos da escola, sobre as atividades musicais desenvolvidas durante o ano letivo de 2014. Através destas atividades verificou-se um compartilhamento de estratégias, informações e aprendizagem entre os bolsistas, entre os alunos, e entre bolsistas e alunos. De forma mais específica, a aprendizagem entre pares foi identificada principalmente entre bolsistas e entre alunos, nas diversas situações ocorridas durante a oficina, tanto nos momentos da aprendizagem não formal (PRICE, 2012; MAK, 2007) quanto nas atividades relacionadas às práticas informais (GREEN, 2001, 2008; MAK, 2007). A aprendizagem entre pares acontece geralmente de forma incidental a partir da observação, da escuta, da imitação e do diálogo entre colegas, e de acordo com Green (2008) pode ter a liderança ocupada por um membro do grupo ou esta posição ser compartilhada pelos demais membros que se alternam na exposição e/ou demonstração de tópicos. Dentro do trabalho em questão, especificamente no caso dos bolsistas, podemos exemplificar com a seguinte situação: um deles assumia a posição de líder e ficava responsável por iniciar e direcionar as atividades, previamente planejadas pelo grupo, o que foi bem administrado por todos os participantes. Houve um revezamento deste papel. E além de ensinar aos alunos, o bolsista líder também apresentava o conteúdo aos demais colegas presentes na oficina. Mas não podemos afirmar com certeza que o bolsista responsável estava ciente de que não estava ensinando somente para os alunos, que havia uma informação transmitida entre o líder momentâneo daquela atividade aos demais colegas. Como esta posição estava sempre alternando, todos aprendiam maneiras diferentes de ensinar ou executar uma atividade. Esta observação bolsista-bolsista foi positiva, fazendo com que os mesmos aprendessem outras abordagens didáticas, nos diversos ambientes proporcionados pela oficina de música. Tal modelo é diferente das aulas que eles tinham no curso de Licenciatura, no qual haviam as figuras professor-aluno apenas. No caso dos alunos da escola pública, foram observados vários momentos nos quais os alunos trocavam informações entre si. Isso acontecia de forma muito rápida, e às vezes de maneira quase imperceptível, como por exemplo, quando um aluno na sala de instrumentos tentava executar a troca de acordes de uma determinada música no seu violão. Neste instante, um colega próximo, que já tinha mais experiência em tocar observou a dificuldade apresentada pelo colega na execução de certos movimentos no instrumento. Imediatamente ele pegou outro violão disponível, sentou ao lado e começou a mostrar como fazer. Ele assumiu momentaneamente a função de tutor e explicou, por exemplo, como colocar os dedos no braço do violão, apertando as cordas certas para conseguir o som desejado. Quando percebeu que o colega tinha entendido o que ele disse, este se levantou e retomou sua posição original. Esta troca de informações teve uma duração variada de acordo com o tempo disponível, disposição de quem se propôs a mostrar e de quem estava querendo aprender, além da relação de proximidade entre os participantes e do grau da dificuldade que a atividade apresentou. Caso não houvesse outro instrumento para esta demonstração, o tutor momentâneo pediria emprestado o violão e mostraria como fazer, e logo após, devolveria o instrumento para o aprendiz, esperando que ele executasse o que foi mostrado, verificando assim se o mesmo havia entendido sua demonstração. Como conclusão podemos destacar que a pesquisa comprovou a viabilidade e a possibilidade de uma proximidade entre as abordagens não formal e informal. A oficina de música no projeto PIBID/UEMG proporcionou diversos momentos para a aprendizagem entre pares, modalidade que estimulou o aprendizado musical e enriqueceu sobremaneira tanto as atividades musicais desenvolvidas quanto no fortalecimento das relações interpessoais entre seus participantes.

Bibliografia

GREEN, Lucy. *How Popular Musicians Learn: A Way Ahead for Music Education*. London: Ashgate Publishing, Ltd., 2001.

GREEN, Lucy. *Music, Informal Learning and the School*: A New Classroom Pedagogy. Hampshire - England: Ashgate Publishing Limited, 2008.

MAK, Peter. *Learning Music in Formal, Non-Formal and Informal Contexts*. In: MAK, P.; KORS, N.; RENSAHW, P. (Eds.). *Formal, non-formal and informal learning in music*. The Hague, The Netherlands: Lectorate Lifelong Learning in Music, 2007, p. 8–27.

PRICE, David. *Non-formal Teaching and Musical Futures*. In: D'AMORE, Abigail (Org.). *Musical Futures an approach to teaching music*. 2nd. ed. London: Musical Futures, 2012. p. 44–46. Disponível em: <www.musicalfutures.org.uk>